

ILUSTRAÇÃO POPULAR

CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETRAS
 PROPRIETARIO—HUMBERTO S. PINTO
 CORRESPONDENCIA Á LIT. RÁRIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222—LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS
 PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1,500 RÉIS—CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 31 DE JULHO DE 1884 N.º 5

CHRONICA DA SEMANA

SUMMARIO—O incendio de Caparica—
 Os gatunos e o codigo penal—Os
 melhoramentos do porto de Lisboa
 —O concurso das bandas regimen-
 taes.

CAPARICA é uma povoação de algumas centenas de pessoas, cuja profissão é a industria da pesca e cujos recursos são tão exiguos, que não lhes chegam para poderem edificar moradia de pedra e cal. Vivem em barracas de madeira, sem conforto, sem resguardo, sem uma sombra sequer de commodidade e segurança contra as intempéries das estações ou contra uma eventualidade funesta, como a que se deu ultimamente no incendio, que devorou, em poucas horas, as habitações d'aquella misera colonia.

Quando se quiz acudir e atalhar o fogo, era já tarde, porque rapidamente se communicou de umas barracas ás outras, e cada qual tratou de salvar a vida por ser impossivel salvar a fazenda.

Ardeu tudo, e aquella pobre gente ficaria completamente ao desamparo se a caridade publica e a tutela official não cobrissem com a sua egide aquelles desgraçados.



É justo que se não seja aváro de elogios para quem, em lances taes, sabe conquistar o renome de benemerito, accudindo com desinteressada abnegação aos infelizes, que carecem do auxilio commum.

O deputado do circulo d'Almada, a cuja circumscripção pertence Caparica, foi a providencia d'aquelles desgraçados.

Com a enérgia moral que o distingue, com a bondade caracteristica da sua formosa alma, com a influencia da sua posição social e com a dedicação, que a urgencia das circumstancias requeria, veio immediatamente a Lisboa e soube advogar de tal arte perante o governo a causa dos seus protegidos, que as providencias não se fizeram esperar.

Não se limitaram, porém, as deligencias d'aquelle sympathico cavalheiro a obter do poder central o seu auxilio, recorreu tambem á caridade publica, e com tal exito, que obteve valiosissimas dadas e generosas esmolos.

Aos paços reaes chegou, tambem, a noticia d'aquelle tristissimo acontecimento e Suas Magestades accudiramolicitos ao clamor d'aquelle infortunio, mandando entregar 750000 réis á commissão encarregada de promover donativos para os pescadores de Caparica.

Folgamos de registar estes factos, que fallam bem alto e honram aquelles que os praticam.

×

Quem lê os periodicos diarios conhece os nomes de guerra de certos larapios, que andam em continua peregrinação dos calabouços da policia para os do Limoeiro e do Limoeiro para os tribunales da Boa Hora, d'onde sahem para voltarem a cumprir no palacio do conde Andeiro uns mezes de prisão, a que são condemnados.

Cumprida a pena, elles ahi vão continuar a exercer a sua *industria*, até que de novo voltam ao Limoeiro por identicas *gentilezas*.

Ora em vista dos factos, parece-nos que o codigo penal é difficiente e imperfeito. Difficiente, porque não previne com uma pena severa a reincidencia e imperfeito, porque na escala dos criminosos não innumera estes *sujeitos* que trocam o nome de baptismo pelo pseudonimo que lhes apraz e passeiam ao nosso lado por essas ruas, mettendo-nos as mãos nas algibeiras, com a semceremonia de quem usa de um direito.

Protestamos contra o codigo e reclamamos uma lei, que ponha cõbro ao desaforo.

O *Pé leve*—o *Raio*—o *Trinca espinhas*—o

Coxo—o *Ladino* e outros titulares de tal jaez, não devem ter fôro de cidadãos e se a lenidade da indole legal não consente a expropriação d'esses herões, por utilidade publica, ao menos sequestrem-os da convivencia social, pondo assim ao abrigo da voracidade d'esses parasitas os nossos haveres e as modestas economias do nosso trabalho.

×

Parece que chegou a vez de se fazerem os melhoramentos do porto de Lisboa.

Já não é sem tempo que se cura d'esse importantissimo assumpto e foi necessario que estivesse no poder e com a pasta das obras publicas um homem illustrado, energico e cheio de boa vontade, como o sr. conselheiro Antonio Augusto de Aguiar, para que se cuidasse de realizar obras tão urgentemente reclamadas.

Para esse fim reuniu-se a associação dos engenheiros civis portuguezes, presidida pelo sr. conselheiro João Chrysostomo de Abreu e Souza. A questão foi tratada com a elevação e a proficiencia propria dos levantados creditos, que tem entre nós aquella associação e não foi discutida unicamente pelo seu lado technico, foi encarada tambem pelo lado economico e administrativo.

O parecer da commissão vae ser enviado ao governo e é de esperar que immediatamente se dê começo ás obras e que, dentro em pouco, o nosso porto satisfaça completamente ás exigencias da nossa vida commercial, que tem n'aquelle melhoramento o factor principal da sua prosperidade.

×

Verificou se no domingo o concurso das bandas regimentaes, promovido pela commissão da Exposição Agricola de Lisboa.

A real Tapada da Ajuda foi immensamente concorrida, porque havia o estimulo de apreciar a competencia dos concorrentes áquelle certamen musical; e as esperanças da victoria dividiam-se, por igual, entre as bandas regimentaes, que tinham, singularmente, os seus admiradores.

As peças executadas para a apreciação do merito relativo foram:

O *pot-pourri* da *Laureana*, pela banda de caçadores 2.

O *pot-pourri* da *Dinorah*, pela banda de infantaria 1.

O *pot-pourri* do *Roberto do Diabo*, pela banda de infantaria 5.

O *pot-pourri* do *Mephistopheles*, pela banda da guarda municipal.

A *ode symphonica* do maestro Manoel José Correia foi a peça escolhida para prova de merito absoluto.

Diga-se a verdade, sem sombra de lisonja, a execução foi magistral por parte do todos os concorrentes; mas a banda da municipal tem inquestionavelmente uma superioridade indiscutível e por isso lhe foi conferido o primeiro premio.

A *ode symphonica* foi muito victoriada e applaudida por todas as pessoas, que tiveram o bom gosto de ir passar a tarde à Tapada, onde corria uma viração agradável e onde se sentia o prazer de ver mais de quatro mil pessoas alegres e satisfeitas, sem se lembrarem do cholera, nem do microbio, nem do dr. Koch.

Pena é que a Exposição Agricola se feche, porque pediamos mais concursos, como aquelle, e mais diversões, como esta.



DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura, representa um grupo de aldeãos do norte do paiz, com os seus trajos simples, elegantes e caracteristicos.

Quem percorre a formosa provincia do Minho tem occasião de admirar a prodigalidade, com que a natureza espalhou, a flux, pelos seus vales e pelas suas encostas as joias mais delicadas do seu cofre de maravilhas.

Aqui, é a extensa varzea com as suas messes douradas pelos fulvos raios do sol de julho; além, os virentes prados onde a fouchinha do segador encontra quotidianamente pasto abundante e mimoso para abastecer as manjadouras dos curraes; acolá, é a escarpa da montanha, sombreada por massiços de arvoredo, onde pela solidão das noites o rouxinol deixa ouvir os seus suavissimos gorgeios; lá em cima, é o cerro alpestre d'onde brotam, em cascatas, as torrentes d'essas aguas, que veem fertilisar as veigas e formar as poeticas ribeiras, que cortam em todos os sentidos as povoações do Minho, nutrindo e alimentando a pujante vegetação, que alli se admira; e por toda a parte a animação, a alegria, a saude e a vida.

As povoações ruraes do norte são um encanto e quanto mais distanciadas dos centros populosos, mais singelas, mais poeticas e mais agradaveis.



A gravura, que abrange as duas paginas do centro da *Illustração Popular*, representa o Palacio da Exposição Agricola de Lisboa, na Real Tapada da Ajuda.

Foi alli que se apresentaram à apreciação de nacionaes e estrangeiros os productos do nosso feracissimo sólo e tão valiosas foram as provas, que não faltaram louvores à benemerita commissão, que realisou aquelle esplendido certamen, como não escacearam elogios para os expositores, que pozeram em evidencia os progressos da nossa agricultura, apesar do abandono, em que tem vivido, sem a protecção official, de que carece para poder desenvolver-se.



A nossa ultima gravura representa uma roça brasileira.

As roças são quasi sempre construidas nas margens dos lagos ou dos rios, não só porque a pesca é uma industria necessaria para a alimentação do pessoal dos engenhos, como tambem porque a fertilidade do solo e a abundancia de aguas convidam os fazendeiros a aproveitarem essas condições especiaes para fazerem as suas plantações.

A roça, que se vê na nossa gravura, é uma d'essas encantadoras vivendas, que os viajantes do Novo Mundo encontram nas suas excursões pelo interior.

Como se vê, nem faltam as redes para embalar a preguiça nas horas da sesta, nem deixa de haver o alpendre aberto, em que se reúnem os habitantes do sitio para exhibirem os seus cantos monotonos e as suas danças grutescas.

Em redor das dependencias das roças é que se fazem as extensas plantações de cacau e mandioca e se podem admirar os viçosos cafezeiros, que produzem esse delicioso grão, que vem para a Europa, para depois de torrado e moido se fazer d'elle essa bebida deliciosa, que está envenenando as nações civilisadas.



MINIATURAS

INFANTE D. HENRIQUE

D A NUMEROSA prole de D. João I foi, sem duvida, o infante D. Henrique, o que mais se distinguiu, porque se D. Fernando—o infante santo—se tornou notavel pelo heroismo, D. Henrique nas sciencias mathematicas creou não menos fama.

Em um temos a admirar a força de vontade, que o leva até ao commettimento das mais arrojadas emprezas; no ou-



PALACIO DA EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA NA REAL TAPADA DA AJUDA EM 1884

tro o estudo e a sabedoria, que patenteiam os mais intimos segredos da natureza, sempre rebelde na manifestação dos seus thesouros.

É pois, d'este ultimo que vamos tratar, deixando para outro artigo a biographia do heroe de Tanger.

Nasceu o iniciador das nossas descobertas maritimas, no Porto, a 4 de março de 1394 e era filho de D. João e de D. Filippa de Lencastre.

Na extremidade do cabo de S. Vicente, na bahia de Sagres, fundou uma aula de nautica, onde se vieram instruir os principaes navegadores portuguezes, que depois foram levar a remotas paragens o pendão das quinas e o nosso idioma.

Não foi só com a fundação d'esta escola, que estimulou as navegações e descobertas de então, elle mesmo organisava á sua custa expedições, que depois percorriam a costa d'Africa, na mira de dobrarem o terrivel cabo das Tormentas.

Tão inclito varão descortinava já, no fundo do seu gabinete, as praias da India, da America e do Brazil!

Não só levou a palma na resolução dos mais intrincados problemas geographicos e mathematicos; na tomada de Ceuta portou-se como famoso guerreiro.

Falleceu este portuguez, que tanto illustrou a sua patria, no seu palacio em Sagres, a 13 de novembro de 1460.

Na fachada lateral do convento dos Jeronymos, em Belem, existe, no intercolumnio, uma estatua do infante D. Henrique.

ROGERIO DE VILLAMAIOR.

ALBUM

D'ahi, da negra bocca desconforme
D'esse abysmo horrendissimo, profundo,
Aonde tudo o que passou no mundo
Cahiu, perdeu-se e para sempre dorme;

D'ahi, do immenso pelago sem fundo,
Onde o infinito em catadupa enorme
Hora a hora, segundo por segundo
Vae descambando placido, conforme;

Surgem ás vezes vultos de gigantes
Deixando todo o mundo illuminado,
Como se fossem astros scintillant.s.

E então todo o porvir repete em brado:
—São os Homeros, os Camões, os Dantes,
Deixae passar, não cabem no passado...

FERNANDO CALDEIRA.

REVISTA DOS THEATROS

O THEATRO CHALET, da rua dos Condes, fez no sabbado a sua inauguração com a magica *A sombra do rei*, escripta pelo sr. Jacobetty com o talento, a graça e a originalidade, que elle sabe imprimir nas suas produções.

Todavia ha n'esta peça um senão, que notamos, sem pretensões de critica nem intenção de melindrar o auctor—cujo merito reconhecemos

e somos os primeiros a confessar—é o abuso das phrases *frescas*, que podem ser sempre engraçadas, mas nem sempre são convenientes.

O escriptor deixou arrastar-se pela influencia da inspiração, em hora de bom humor *realista* e esqueceu-se, de que a sua obra tinha de passar do seu gabinete de estudo, onde foi festejada, decerto, por meia duzia de rapazes, para o palco de um theatro, onde seria declamada perante um publico numeroso, composto de individualidades heterogeneas, que nem todas receberiam bem aquellas liberdades de pensamento.

Afóra isso a magica é magnifica e tem o raro merecimento de ir gradualmente subindo no interesse do espectador. O enredo é simplicissimo.

Vagou o reino da *penuria* e a administração do Estado foi confiada a um regente, que é esbanjador e perdulario.

O espectro do finado rei persegue constantemente o regente para que não dê cabo do reino, que lhe foi confiado.

Ha uma fada que protege o regente, o qual para ser feliz ha de conseguir beijar um signal, que o herdeiro da corôa tem na face direita.

Mas esse empenho nunca elle consegue, apesar do auxilio da fada, dando-se n'este sentido scenas e peripecias verdadeiramente comicas.

Ha quadros engraçadissimos. O *reino dos annexins*, onde todos fallam em rifões e o Parnaso, onde todos fallam em verso, são de uma originalidade e de uma graça inexcitaveis.

No 2.º acto o bailado das *almeas* e o bailado hespanhol, com que fecha o 3.º acto, agradaram immenso e mereceram a honra de serem bisados.

A musica é bonita, a magica está bem vestida, o scenario é vistoso, os côros estão bem ensaiados e os actores dizem bem.

Com todos estes predicados não pôde haver receio de um desmentido, augurando á empreza muitas casas cheias e aos artistas muitos applausos.

×

A esplanada dos Recreios é o *rendez-vous* das familias de Lisboa, que não puderam ou não tencionam sair de Lisboa.

Os leões do domador Seeth são o iman da concorrência, pois todos querem sentir as commoções produzidas pela entrada d'aquelle sympathico e valente rapaz, na jaula das feras, que elle domina com o olhar, com o sangue frio e a coragem mais notaveis de que um homem pôde dar provas.

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

II

Na Opera!

(Continuado do numero antecedente)

ERA finalmente uma cabeça adoravel a d'essa mulher, que estamos descrevendo.

Uma capa escura, constellada de palmas de ouro e guarnecida de pelucia cõr de cereja não deixava admirar as bellezas do arcaedo seio, mas deixava ver um braço bem torneado e branco e uma mão correctamente aristocratica.

Um bracelete de diamantes com fechos de esmeralda cingia-lhe o pulso e entevia-se o vestido de *moire-antique*, branco, guarnecido com rendas de Inglaterra.

Ella desviando uma cadeira sentou-se sem olhar sequer para uma pessoa, que a acompanhava.

Era um homem de quarenta annos, de uma belleza varonil e notavel. Barba e cabellos negros destacavam-se na cõr baça e pallida do rosto e as linhas da sua physionomia denunciavam um character energico, que o fogo dos olhos tornava ainda mais severo.

Vestia com elegante simplicidade e logo que a sua companheira se sentou, elle apoiando as mãos nas costas da cadeira olhou com arrogancia em volta da sala.

Ella compoz o cabello, aspirou a essencia do seu *bouquet*, pousou-o depois no friso do camarote, desapertou os alamares da capa e tirando-a dos hombros entregou-a com um movimento gracioso àquelle homem que parecia ser seu marido.

Roberto poudé então admirar, deslumbrado, os hombros nus da Diana caçadora e um formosissimo collo, meio occulto no duplo collar de diamantes.

— Que formosa mulher! murmurou elle limpando os vidros do binoculo.

No momento em que elle continuava a sua analyse sentiu uma mão, que lhe batia amigavelmente no hombro.

Voltou-se immediatamente.

— Sir Williams! disse com uma manifestação de vizível alegria, estendendo a mão ao individuo que tinha entrado no theatro e procurado uma cadeira, proxima da do capitão de estado maior,

em quanto este se entretinha a examinar os camarotes.

— Eu proprio, respondeu o recém-chegado, homem de estatura mediana e franzina, da idade de Roberto de Montnac, cabellos louros e aspecto calmo e frio.

— Quando chegou a Paris? perguntou Roberto ainda impressionado pelo inesperado encontro.

— Ha mais de quinze dias; e estava longe de imaginar o prazer de encontral-o aqui, pois suppunha que estava ainda em Oran. Conseguiu alguma commissão em Paris?

— Não. Sirvo em Africa, mas vim passar aqui seis mezes de licença e depois...

— Volta não é verdade?

— Sem duvida. Não poderia habituar-me a esta vida burocrata, que aqui passam os officiaes de estado maior. Amo o espaço, o ar livre, as emoções. Á falta de guerras na Europa entretenho-me com as tribus sempre insurreccionadas da Algeria.

— Tem razão. Isso é mais divertido, prova-o a nossa expedição ao sul...

— E o caso de Sidi-bel Albès em que foi provada a sua coragem e o seu sangue frio de um modo tal, que todos nós ficamos maravilhados.

— Porque? Eu não fiz mais do que os senhores todos faziam.

— Decerto. Mas nós cumpriamos um dever, nós...

— Basta meu caro Roberto. Os militares admiram-se sempre que não encontram um cobarde em qualquer que não veste o uniforme militar.

— Perdão. Não é tanto assim, sir Williams.

— Não fallo comsigo, mas a terça parte dos seus camaradas pensam assim e a prova d'isso está no pasmo, que causou o eu não ter medo de meia duzia de balas, que me zuniram aos ouvidos. O senhor mesmo acabou de dizer-me isso.

— Compreendeu-me mal, meu amigo, ou melhor a sua modestia não quiz que me comprehendesse. Eu e os meus camaradas não nos admiramos da sua coragem, mas admiramos, com fundados motivos, que arriscasse a vida, com uma completa indifferença, sem ao menos ter o estimulo da recompensa, que nos anima a nós, os soldados, a expor o peito á morte, para ganhar um posto de accesso.

— Mais uma razão para eu não merecer a tal admiração.

— Como?

(Continua.)

EXPEDIENTE

A GRADECEMOS as charadas, enygmata, logogriphos e problemas, com que tem sido brindada a redacção da *Illustração Popular* e pedimos desculpa aos cavalheiros, que nos honram com a sua collaboração, de não publicarmos todas as suas produções, o que se nos torna impossível, attendendo ao pouco espaço de que podemos dispôr para essa secção recreativa.

Por cada numero iremos distribuindo o original, que temos em nosso poder, dando assim uma satisfação aos nossos illustrados collaboradores.

X

A sociedade Assa & Sinos mandou-nos as decifrações do problema e das charadas do n.º 4, que vão no respectivo logar.

Um cavalheiro de Vizeu, que adoptou o pseudonimo—o Pequeno Antoninho, — tambem nos communicou identicas decifrações.

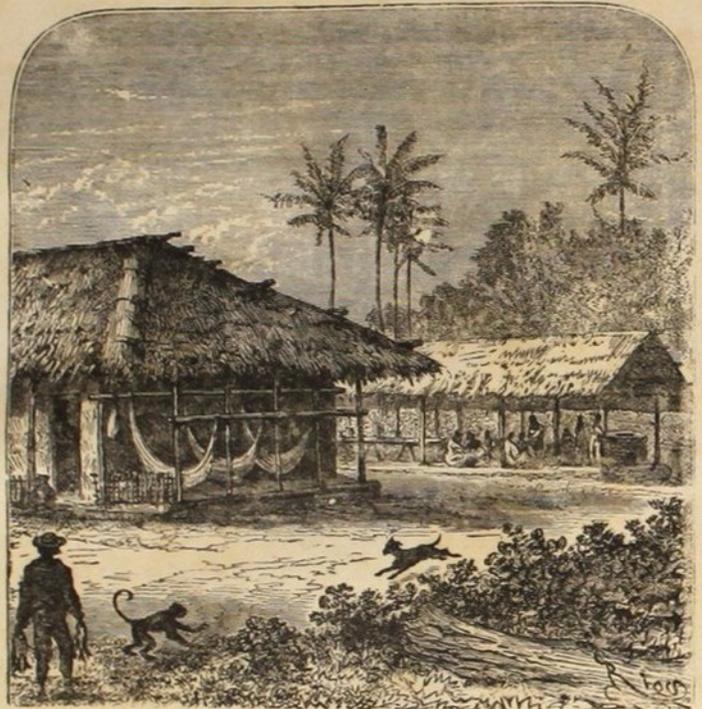
D'este cavalheiro recebemos igualmente a decifração do enyigma e umas charadas, que iremos publicando, á proporção que tivermos ensejo para isso.

Accusamos a recepção de um artigo, para as *Miniaturas*, do nosso distincto collaborador o ex.º sr. José Pessanha.

Não vai publicado n'este numero por duas razões: a primeira porque

á hora que o recebemos já estava composto o artigo que vai na secção competente—O INFANTE D. HENRIQUE—e a segunda porque desejamos intercalar com as celebridades estrangeiras as nossas, pois tambem cá temos notabilidades, tanto nas artes como nas letras.

No proximo numero terá cabida o primoroso artigo de s. ex.º, a quem pedimos, que reparta com os nossos litteratos e artistas as joias do seu fino criterio e do seu elegante estylo.



ROÇA BRAZILFIRA

PASSATEMPO

PROBLEMA

Pediu Maria a tres de seus tios que a dotassem em réis 144000, ao que elles annuíram.

O mais velho deu o que pôde; o immediato deu o triplo e o mais novo tanto como os outros dois.

Quanto deu cada um?

ROGERIO DE VILLA-MAIOR.

ENIGMA

500. $16 + 5 + 4 + 18 + 15$. V

CARMO E SOUSA.

CHARADA

Do frio ao rigor exposto—1.
Sempre em casa me acharás—1.

E podendo vêr-me em todos
Só em ti me não verás.

J. Q.

CHARADA NOVISSIMA

É bastante para tocar este homem—2—2.

ASSA & SINOS

De cada coisa é assumpto esta pena—2—2.

M. P.

Explicação do problema do n.º 4—10260.

Explicação do enigma do n.º 4—*Tantas vezes vae o cão ao moinho, que lá lhe fica o focinho.*

Explicação da charada novissima—TALAGARÇA.

Explicação da charada em verso—CUNHADO.